

O PARADOXO ENTRE O MACHISMO DA EDUCAÇÃO CÍVICO- MILITAR E O DIREITO AO LIVRE DESENVOLVIMENTO DAS MENINAS NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Beatriz Marques Barbosa²
Paulo Ysgon Alves de Miranda³
Paulo Sérgio Gomes Soares⁴

Ao realizar o estágio na Escola Municipal de Tempo Integral Padre Josimo Moraes Tavares, em Palmas-TO, junto à equipe do Programa Residência Pedagógica, um programa voltado para a formação de professores e com foco no fortalecimento entre a teoria e a prática, entre a universidade e a escola, realizamos um trabalho de Ensino de Filosofia para crianças com poemas sobre diversos temas filosóficos para estimular a criatividade e a reflexão. Contudo, o que chamou a atenção durante este período de estágio, que se estendeu de novembro de 2022 a agosto de 2023, foi a presença da Polícia Rodoviária Federal (PRF) dentro da escola e atuando ativamente junto à gestão da escola e na condução do trabalho docente.

Diante desse quadro, observamos uma série de problemas acerca da relação entre a gestão cívico-militar e o comportamento das crianças, no sentido da produção de interferências severas no livre desenvolvimento humano devido às exigências da disciplina militarizada. O comportamento natural das crianças, que é de brincar e exercer protagonismo nas atividades ao ar livre, que vão desde a organização para fazer as refeições até atividades físico-motoras intencionalmente planejadas, têm passado por diferentes formas de repressão com gritos, chamadas de atenção, olhares de vigilância etc. que extrapolam a condição notadamente educativa. As crianças andam com roupas com as insígnias e os símbolos da PRF, cantam o Hino Nacional pela manhã e rezam, as que chegam atrasadas seguem a indicação de uma placa colocada na entrada da escola, que diz o seguinte: “Aluno atrasado, Sala da PRF”.

O objetivo deste trabalho, considerando o exposto, é mostrar o paradoxo entre o machismo da educação cívico-militar na ETI Pe. Josimo Tavares e o direito ao livre

¹ Resultado parcial de pesquisa interventiva do Programa Residência Pedagógica financiado pela Capes.

² Graduanda no Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Palmas-TO, Bolsista Capes. beatrizmarquesuft@gmail.com ;

³ Preceptor PRP. Graduado em Filosofia. Professor de Filosofia na ETI Padre Josimo Moraes Tavares. Palmas-TO. Bolsista Capes. pyamiranda@gmail.com

⁴ Professor orientador: Doutor em Educação. Universidade Federal do Tocantins (UFT). Palmas-TO. Bolsista Capes. psouares@uft.edu.br.

desenvolvimento das meninas, considerando que a disciplina militar vem acompanhada de abordagens com falas machistas e misóginas que impactam negativamente sobre elas e vão contra todas as orientações dos estudos feministas, que preconizam a luta das mulheres por autonomia e pelo fim da violência. A base teórica para equacionar o problema flui do pensamento da ativista e feminista bell hooks, cujos conceitos e crítica social convergem para uma análise contextualizada do fenômeno. Devido à militarização da escola as meninas são constantemente constrangidas, reprimidas e oprimidas por abordagens masculinas com foco no seu comportamento, interferindo no seu livre desenvolvimento enquanto criança e enquanto mulher.

Este trabalho foi realizado mediante uma abordagem etnográfica que se pautou na observação direta dentro de um período determinado, compreendendo a rotina escolar na sua totalidade de ambientes, desde as salas de aula aos espaços de convivência e atividades esportivas. Nesse sentido, a pesquisa se caracteriza como pesquisa qualitativa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999), cabendo ao pesquisador interpretar, vivenciar, observar, descrever, registrar etc. um determinado fenômeno e atribuir a ele um significado, considerando ainda que a “etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS, 2011, p. 54).

A ETI Padre Josimo Moraes Tavares possui um contexto *sui generis*, tendo em vista que é uma escola pública municipal em que a gestão dos espaços foi militarizada e tem interferido no livre desenvolvimento das meninas, sobretudo, pelas características das abordagens pretensamente disciplinadoras e moralistas, que em uma análise teórica a partir do pensamento feminista, mostram-se machistas e misóginas. A análise para as práticas observadas na escola segue o pensamento da teórica feminista e crítica cultural bell hooks, com o intuito de estabelecer uma conexão entre a teoria e a prática. Em suma, pelos dados de observação coletados e pelo referencial bibliográfico, buscamos compreender como a realidade pode ser lida e equacionada a partir da prática docente na ETI Padre Josimo Moraes Tavares.

O conceito de machismo, conforme desenvolvido por bell hooks, é profundamente enraizado na análise crítica das estruturas sociais e culturais que perpetuam a opressão de gênero. A autora, uma renomada teórica feminista, apresenta uma visão abrangente sobre o machismo, que vai além da mera misoginia individual e examina como as normas patriarcais permeiam todas as esferas da vida.

Para hooks (2021), o machismo é um sistema associado de poder, que funciona em conjunto com o racismo e outras formas de opressão. Ela também chama a atenção para a forma como o machismo é normalizado por muitas mulheres, levando-as a adotar papéis e expectativas tradicionalmente associados ao patriarcado. Ela ressalta a necessidade de descolonizar a mente e desafiar essas normas opressivas. Além disso, bell hooks destaca a importância do feminismo como um movimento de resistência ao machismo. Ela argumenta que o feminismo não deve ser visto como uma ameaça aos homens, mas como uma luta por igualdade e liberdade para todas as pessoas, independentemente do gênero.

O movimento feminista não exclui os homens da luta cotidiana contra a violência de gênero e, nesse sentido, a análise do pensamento de bell hooks representa um recurso valioso para aprofundar nossa compreensão das interseções entre gênero, educação e autoritarismo, particularmente, no contexto do modelo de gestão escolar cívico-militar em estudo. As contribuições da autora à teoria feminista e a crítica social oferecem uma perspectiva crítica para compreendermos as estruturas patriarcais que persistem nos ambientes educacionais, independentemente do modelo de gestão adotado.

O patriarcado é uma força poderosa que permeia muitos aspectos da sociedade, incluindo o sistema educacional. E bell hooks destaca como as hierarquias de gênero, em que o poder é frequentemente exercido por homens sobre mulheres, podem se manifestar na educação de maneiras sutis e, às vezes, explícitas. Em um modelo de gestão escolar cívico-militar, em que a disciplina e a hierarquia são enfatizadas, é crucial examinar como essas dinâmicas de poder podem ser amplificadas ou reforçadas e interferir no livre desenvolvimento das crianças.

Dentre tantas observações a serem pontuadas, a título de coleta de dados observacionais no cotidiano escolar, apenas para ilustrar o fenômeno, apresentamos um relato de vivência ocorrido no dia 08 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher. Nesse dia, ocorreu uma palestra no auditório da escola destinada exclusivamente às alunas. Assim que um grupo de alunas entrou e se sentou, foi abordado por um PRF que as assustou ao gritar: “Sentem direito, é feio para uma menina sentar assim”. As alunas rapidamente se ajeitaram nas cadeiras, claramente assustadas. Pudemos presenciar toda ação repressora, que ao olhar de hooks representaria com traços fortes e marcantes o machismo e o patriarcado na escola. Ao chamar a atenção das meninas de forma constrangedora, observamos uma forma de violência muito comum de machismo entre os homens, que coloca na mulher a culpa pelos problemas devido à forma como se comporta.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990: “**Art. 17.** O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. A fala do militar revela exatamente isso, uma forma de violência que viola a integridade psíquica e moral da criança, além de interferir no seu livre desenvolvimento enquanto criança que é com comportamento de criança.

Naquele dia, eles trouxeram policiais mulheres para a escola, possivelmente com a intenção de mostrar que também havia mulheres na corporação, como se essas poucas policiais presentes fossem suficientes para preencher o vazio que o espaço feminino tinha na escola. Conforme hooks, o machismo é normalizado por muitas mulheres que adotam os papéis e posturas masculinas tradicionalmente aceitos, reproduzindo no discurso e nas atitudes tais papéis.

A palestra tinha como tema a valorização da mulher, e a palestrante era uma pastora, contrariando toda a esfera Constitucional que confere laicidade à educação formal. Ela trouxe um material em *slides* que foi apresentado em um telão. Cada tópico representava o que as mulheres deveriam fazer para serem valorizadas. Em meio às alunas, haviam aquelas com as quais dividimos a convivência em sala de aula, que sabemos vivenciar diferentes situações de violência em casa e na vida social, fator que tornou a fala da palestrante ainda mais incisiva no equívoco. A palestrante disse que toda mulher para ser valorizada deve suportar todos os problemas sorrindo, sendo amorosa e paciente, contrariando todas as orientações da luta feminina por emancipação e para romper com o machismo e o patriarcado.

Ora, o feminismo é um movimento de resistência e de luta contra a violência, mas ao final da palestra o sentimento que poderia ser associado aos eventos ocorridos na vida das meninas é o de culpa, tendo em vista que as mulheres provocam as situações e tudo de ruim que acontece ou já aconteceu na vida daquelas meninas, pelo que se depreende da fala da pastora palestrante, foi culpa delas mesmas que não aceitaram a situação sorrindo, sendo amorosas e pacientes.

Por fim, enquanto considerações finais, observamos que o contexto militarizado da ETI Padre Josimo Moraes Tavares nos permitiu refletir sobre o autoritarismo, o machismo, a misoginia e o patriarcado, pois a convivência das crianças com o paradoxo entre o estímulo à criatividade e o tratamento educativo para exercer a infância em meio à disciplina militar se apresenta, na prática, como uma negação do direito ao livre desenvolvimento humano. Os militares dizem como deve ser a disciplina, que se choca com a ideia de infância

fundamentada no ECA, tornando o ambiente escolar altamente repressor e opressivo, sobretudo para as meninas que ficam sob a égide de olhares intimidadores. A observação direta das relações na escola, com um foco específico no machismo, permitiu inferir que o modelo cívico-militar reprime e oprime, mas não educa no sentido pedagógico da palavra.

Ao trabalhar com o Ensino de Filosofia para crianças a partir de uma metodologia alternativa para ensinar a filosofar – com o uso de poemas – vimos uma possibilidade de descondicionamento pelo estímulo à criatividade e a crítica reflexiva, bem como vimos a possibilidade de descolonizar a mente e desafiar essas normas opressivas do modelo cívico-militar que invadiu o campo educacional.

Palavras-Chave: Militarização das escolas. Autoritarismo. Patriarcado. Direito ao livre desenvolvimento humano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe gestora e a coordenação da ETI Padre Josimo Moraes Tavares, que aceitou receber os residentes e contribuir com a formação de professores de Filosofia. Por último, agradecemos à CAPES que investiu na formação professores e possibilitou a aproximação da vida acadêmica com o campo profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda A.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2 ed. São Paulo: Thomson, 1999.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em 05 out 2023.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

MATTOS, Carmen L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In.: MATTOS, Carmen L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.) *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2011.